

“O telefone tocou novamente”... tematizando o samba rock na Educação Física

Ronaldo dos Reis

Ao analisar o percurso realizado pelas turmas do 7º ano da Escola de Aplicação da FEUSP, percebi que a última vez que estudaram a dança foi no 3º ano, quando numa festa escolar apresentaram e conheceram a história da vitória régia. Naquele ano, também acessaram o maracatu, boi de mamão e cavalo marinho, este último a partir de uma apresentação do grupo Boi da Garoa. Localizei essas informações mediante conversas com as professoras de Arte e de Educação Física nos anos anteriores. Também pude assistir filmagens das apresentações das danças quando as turmas cursavam os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Pedi à turma que mencionassem as diferenças e semelhanças entre as danças. Uma parte do grupo definiu-as como “danças populares”. Perguntei se conheciam outras danças populares. Citaram o *break*, o *funk* e as danças de baile. Ao questionar sobre o que eles chamavam de “danças de baile” alguns estudantes gesticularam com o dedo para baixo e para cima, imitando as danças “disco” da década de 1970. Por indicação de um dos estudantes inseri no descritor do Youtube “dança dos anos 1970” e assistimos ao vídeo chamado “Soul Train 1973/74”¹.

As opiniões emitidas revelam um posicionamento comum: “bem diferente né”, “dança estranha”, “nossa eles dançam muito estranho”, “que roupas engraçadas”, “não vamos fazer essas danças né professor? Por favor, né”, ao questionar novamente algumas falas responderam: “Porque a dança é muito estranha”, “os passos são muito estranhos”, “parece break, mas é muito esquisito”, “não parece com nada que eu já tinha visto”, “Achei mó dança ridícula, dançam muito estranho”, “estranha, mas tem muitos passos parecidos com danças de hoje, mas alguns nem se usa mais”, “é mesmo gente, parece até hip hop e break, mas é diferente, estranho”.

“O telefone tocou novamente”, é a sétima música do sétimo álbum do cantor e compositor Jorge Benjor (na época Jorge Ben). O álbum “Força Bruta” é considerado um dos discos de maior influência para o ritmo Samba Rock. Lançado em 1970, Jorge Ben tinha o acompanhamento dos músicos do Trio Mocotó, outra referência do Samba Rock. Para acessar a música: https://www.youtube.com/watch?v=qh8ijMsOXw0&list=OLAK5uy_khKY2rD3PLG95ABIQ-dE1SpaTMsfazhrRU

1 <https://www.youtube.com/watch?v=BrJZU3oUMEE>

Apesar do estranhamento, identificaram semelhanças com o hip hop, o que de certa maneira já dava conta de analisar um pouco da estrutura apresentada nas danças de origem da chamada black music. Nesse momento entendi que o mais adequado seria estudar uma dança relacionada às culturas negras. Mesmo que timidamente um grupo de meninos sugeriu que poderíamos estudar o samba.

Professor: Samba? O que vocês sabem sobre samba?

Tiago: ...que sambamos assim (demonstrando alguns passos um pouco desajeitados gerando risos na turma).

Bruno: sei que tem o samba rock...

Murilo: faz igual fizemos antes professor, põe no Youtube samba rock e vê o que dá.

Seguindo a sugestão, encontramos o vídeo "Desafio Samba Rock – VIP Os Capri"². A turma ficou atenta aos passos, inclusive algumas meninas que estavam mexendo nos celulares, aparentemente "fora da aula", levantaram e arriscaram alguns passos da dança tentando copiar o vídeo, assim após certa euforia dos estudantes arriscando passos e imitando gestualidades, decidimos estudar o samba rock, o que segundo eles seria o "mais legal".

Alguns estudantes achavam que não era possível juntar samba com rock, mas logo nas primeiras vivências compreenderam que não era a junção de estilos diferentes, mas um outro estilo que representava uma cultura presente e efetivamente vivida na região sudeste do Brasil, samba rock em São Paulo e swing no Rio de Janeiro.

Comecei uma das atividades apresentando a música *16 toneladas* do cantor Noriel Vilela, pedindo aos estudantes que dançassem como imaginassem a partir das gestualidades e do que já tinham visto ou conheciam sobre o samba rock. No encontro seguinte, a presença da estagiária, que mencionou ter conhecimentos de samba rock, sugeriu que experimentássemos alguns passos que ela considerava básicos. Colocou a *playlist*, ficou à frente da turma e pediu que copiassem seus passos. No segundo momento os estudantes dançaram em duplas e ela tentou ensinar alguns giros.

Conversei com pessoas que eu conhecia que tivessem acesso ou pudessem me ajudar no trabalho com o samba rock. A partir da indicação de um amigo, no encontro seguinte assistimos ao docu-

2 <https://www.youtube.com/watch?v=1JSgi054JBk>

mentário "Clube do balanço swing e samba rock³", que contém informações relevantes dos músicos que faziam parte da banda Clube do Balanço, entre outros personagens como promotores de festas, eventos, *DJs* entre outros.



Os estudantes não entendiam os motivos porque o samba rock não aparecera em outros anos. Era a primeira vez que acessavam uma dança que não era individual, não estava baseada em alguma coreografia ou que deveria ser apresentada.

Juliana: "Mas tipo...então, mas eu não sei também por que não teve...(sobre o samba rock nas aulas)" após um pausa retoma dizendo: "hummmm..." "acho que tem a ver com a maturidade, também, muitas vezes, não sei..."; "eu tô achando legal..."; "...é coisa nova, não é...a gente aprende bastante luta essas coisas, mas é legal a fazer outras coisas, dançar...e também a gente aprende outras coisas né, a gente vai aprendendo a si, também...a não ficar dura, nas coisas também, assim, e é legal aprende outras coisas...eu acho que foi o mais legal até agora, a dança..."

3 Parte 1 - https://www.youtube.com/watch?v=KJE_SR5nL68&t=69s
Parte 2 - https://www.youtube.com/watch?v=xbBJPnd_SWM

Giovana: "Vim de outra escola, onde eu já estudei, eu nunca aprendi samba rock é a primeira vez na verdade que eu tô aprendendo..."; "...na minha escola onde eu estudava, era uma escola evangélica né, então tipo, não tinha essas coisas...aqui, não sei... porque...tem muitos alunos que gostam de dançar...", "...eu tô gostando muito disso, porque é a primeira vez que eu tô aprendendo... é muito legal!"

André: "...acho que a gente ainda não tinha entrado nesse negócio da...dessa cultura e agora como a gente tá estudando...a gente também estudou capoeira essas coisas, ia ser legal falar sobre isso e eu achei legal estudar samba rock".

Professor: "Mas...qual cultura?"

André: "A cultura assim, tipo...meio que, como eu posso falar...bandida, porque...não podia tocar samba, porque eles falavam que era...você não podia, é,... era contra a lei que nem a capoeira que você não podia jogar que era contra lei, e aí eu acho que ia ser legal estudar essas coisas".

Professor: "E aí a gente estudando agora...o que você acha?"

André: "Eu acho legal, porque de algum jeito a gente tá estudando sobre o que a gente passou até aqui.", "...tem bastante passos que dá pra fazer lá e que é um ritmo até que legal".

Iniciamos o encontro seguinte apresentando fragmentos de um texto que relata a história do samba rock. Retomamos o documentário "Clube do balanço swing e samba rock" onde foi possível identificar nas falas dos estudantes a compreensão de um espaço de origem, de uma localidade e principalmente de um grupo social, afinal, em suas narrativas, os personagens apresentam suas histórias com o samba rock.

Nos encontros seguintes trouxeram diferentes músicas e experimentaram possibilidades de dançar a partir dos passos que já tinham vivenciado. Também tentavam reelaborá-los, seguindo uma das falas do documentário em que o DJ dizia ser "possível dançar samba rock com qualquer música que dê o ritmo". O pagode foi mencionado entre as músicas de samba rock que facilitavam a dança. Em duplas, alguns estudantes tentavam seguir o passo básico ensinado pela estagiária enquanto outros dançavam individualmente, em trios ou quartetos.

Acessamos parte da história sobre o movimento das "Rosas Negras" no documentário "Bailes – Soul, Samba Rock, Hip Hop e

identidade em São Paulo⁴”, apresentando a importância das mulheres no movimento negro, sendo elas as mais assíduas entre os integrantes da Frente Negra Brasileira. Esse coletivo organizava bailes e festivais artísticos, já que os negros não tinham a permissão de frequentar os eventos de outros grupos. Isso gerou indignação nos estudantes e fez surgir a ideia de promover um baile de samba rock.



Um grupo de meninas insistiu na realização do baile e que pudesse tocar funk. Para um menino, “a origem do baile pode até ter a ver com o funk, mas a dança nada a ver...”, Outra estudante retrucou: “Eu posso falar? Discordar que parece o funk? Pra mim devemos usar só músicas que podemos dançar o samba rock se fizer o baile”, continuou “É porque eu acho que a batida e o jeito de dançar parece totalmente diferente de um funk, o samba rock, tipo, o nosso jeito de dançar e a música que a gente ouvia, era totalmente do toque do funk e a, normalmente a letra e o jeito de dançar”, “Parece também que a batida é bem marcada...”

O acontecimento do baile já estava estabelecido. Os estudantes começaram a colocar músicas de funk, tentando utilizar passos de samba rock, o que levou a turma a terminar aquele encontro dançando funk. Na semana posterior, surgiu uma discussão sobre o centro e periferia, já que nos lugares em que o samba rock estava presente faziam referência ao centro de São Paulo, desde a origem até os dias de hoje na Galeria Olido⁵ e Avenida Paulista⁶. Segundo os estudantes, as periferias são lugares mais pobres da cidade, “lá rola reggae”, “lá vive a classe social baixa de São Paulo”. Ao serem questionados sobre se alguém morava na periferia grande parte dos

4 <https://www.youtube.com/watch?v=Rj0w6DtpG-Y&t=920s>

5 Vitrine da Dança 22/08/09 – Samba Rock 01 - <https://www.youtube.com/watch?v=jLLD9g-XB3g>

6 Samba-Rock na Av Paulista | Venha dançar!!! - <https://www.youtube.com/watch?v=PjtxKzVJ1lo>

estudantes que moravam em bairros periféricos não tinha essa clareza, sobre o que diferenciava centro e periferia.

Alguns estudantes disseram que na periferia acontecem muitos bailes funk, que se diferenciavam dos objetivos dos bailes de samba rock. Convidados a explicar, uma parte do grupo disse que o funk, assim como o samba rock no passado, era mal visto pelos mais velhos. Em ambos os casos, tratava-se da busca pelo reconhecimento da identidade de cada grupo.

Um dos estudantes trouxe a informação dos pais viam com alegria a realização do baile, especificando que a irmã e o pai dançavam bastante em casa e lembrava da irmã se arrumando para ir aos bailes. Sugeriu que conversassem com as famílias para que tivéssemos mais contribuições ou opiniões sobre o tema.

Alguns disseram que os familiares chegaram a dançar, mas que nem imaginavam que nas aulas de Educação Física era possível estudar samba rock. Vale destacar que a mãe do Murilo frequentava bailes de samba rock, disse que não conseguiria participar de nenhuma de nossas aulas, mas ofereceu uma *playlist* com músicas de samba rock para o baile.

Os estudantes organizaram os grupos a partir da fala do Murilo e dos interesses em cada um dos elementos que acreditavam fazer parte do baile. A partir do que já tinham assistido nos vídeos, os grupos de trabalho se organizaram por interesses e afinidades em grupos de comida, iluminação e decoração, DJs, convites e dança. Reunidos, começaram a propor ideias que possibilitariam a realização do evento.



Apresentei aos estudantes por sugestão de algumas pessoas que frequentam festas, bailes e encontros de samba rock alguns *flyers*



Com os *flyers*, os estudantes obtiveram elementos e referências para confeccionar os convites e acessaram novas informações sobre os bailes. Pipocaram questões sobre do que se tratava a nostalgia, o partido alto, a música soul e o Charme. Enquanto isso, a preparação do baile caminhava aos trancos e barrancos. Confesso que rolou certa frustração ao conversar com os grupos que assumiram responsabilidades com a decoração, mas não dialogavam com pessoal da iluminação, como combinado inicialmente entre os integrantes.

Pedi para que nos encontros seguintes os grupos “apresentassem” para toda a turma o que já tinham conseguido realizar, o que implicava adotarem formas de registro. Testamos a iluminação (realizada com 2 retroprojetores), um globo e a máquina de fumaça

(conseguidos com a professora de Arte), a música a partir da *playlist* elaborada pelo grupo para o tempo adequado do baile, bem como os demais combinados.

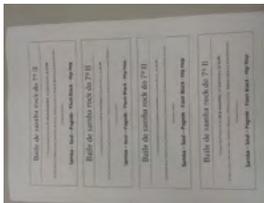


Com a aproximação da data do baile e a necessidade de reservar horários, equipamentos e espaços, o que obrigava a buscar a ajuda de muitas pessoas e explicar a proposta, fiquei sabendo que um dos funcionários do audiovisual fazia parte de uma equipe de bailes e realizava eventos de samba rock. Fui até ele com a intenção de convidá-lo para uma das aulas para orientar e contribuir com estudantes, elucidar dúvidas e principalmente animar ainda mais os estudantes que, apesar de ansiosos para a realização, demonstravam certo desinteresse.

Com o convite aceito, na data combinada, o Douglas, compareceu na posição de líder da "Equipe Águia Black", o Douglas Dx. Realizou um bate papo aberto com a turma tratando de muitos assuntos, narrou a experiência de realizar os bailes, sobre o que se serve de alimentação, como a equipe se organiza para elaborar e produzir o baile e ainda aproveitou para ensinar mais alguns passos, apresentando sua rede social e da equipe Águia Black, para que os estudantes tivessem referências e ajuda.

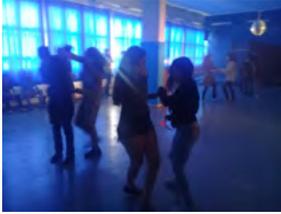


Após praticamente um trimestre de atividades, o dia mais esperado pelos estudantes chegou. Cada grupo desempenhou a sua função.



Como forma de agradecimento, bem como para retribuir a gentileza de todos que contribuíram com os conhecimentos nas aulas, todos os parceiros que ajudaram na realização e durante a tematização das aulas foram convidados e estavam presentes. Douglas DX, a estagiária, a bolsista que acompanhou as aulas, bem como outras pessoas que ensinaram alguns passos ou indicaram caminhos para que desenvolvêssemos o trabalho.





Finalizando, convém explicitar que os estudantes do 7º ano tiveram a possibilidade de produzir nas aulas diferentes significados sobre o samba rock, desde elementos relacionados aos aspectos da dança, bem como a resistência cultural que permeia a prática nos espaços em que ela acontece. O mesmo ocorreu comigo ao realizar pesquisas, conversar com pessoas, buscar fontes para elaborar ações didáticas para vivenciarmos o samba rock, corroborando com a defesa da dignidade das múltiplas e controversas identidades, bem como a diferença, garantindo que não existam conhecimentos, modos de viver e gestos, melhores ou piores, mais adequados ou menos adequados, a serem estudados na escola.